

O CORPO DESPEDAÇADO: TORTURA E SOFRIMENTO NAS PRISÕES

Cristina Maria de Oliveira*

Resumo

O sofrimento psíquico faz parte da condição humana e está representado em várias obras literárias brasileiras. Uma delas é **Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighela**, escrita por Frei Betto, que retrata a trajetória dos freis dominicanos e sua relação com o revolucionário Carlos Marighela. A obra está composta com um autor/narrador, Frei Betto, que fala na primeira/terceira pessoa, mas abre espaço para outros enunciadores, como os torturadores e torturados. Esse artigo tem como objetivo analisar a obra e o sofrimento psíquico do jovem dominicano Frei Tito, preso, torturado e que após seu banimento do país e exílio na França enlouquece. A obra tem como função relatar a história dos que foram vencidos durante a ditadura e inserir essa versão dos fatos na história oficial ao apontar os traumas sofridos por eles.

Palavras Chave: Ditadura militar. Tortura. Loucura. Prisão. Corpo.

THE BROKEN BODY: TORTURE AND SUFFERING IN PRISONS

Abstract

Psychic suffering is part of the human condition and is represented in several Brazilian literary works. One of them is **Baptism of Blood: the Dominicans and the death of Carlos Marighela**, written by Frei Betto, which depicts the trajectory of the Dominican friars and their relationship with the revolutionary Carlos Marighela. The work is composed with an author/narrator, Frei Betto, who speaks in the first/third person, but makes room for other enunciators, such as torturers and tortured. This article aims to analyze the work and psychic suffering of the young Dominican Friar Tito, imprisoned, tortured and who after his banishment from the country and exile in France goes mad. The work has the function of reporting the history of those who were defeated during the dictatorship and insert this version of the facts in the official history by pointing out the traumas suffered by them.

Keyword: Military Dictatorship. Torture. Madness. Prison. Body.

Recebido em: 21/05/2020

Aceito em: 15/07/2020

*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - Minas). Doutoranda em Literatura de Línguas Portuguesas do Programa de Pós Graduação em Letras da PUC-Minas. O artigo faz parte da tese em elaboração. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-86598714>.

A literatura e um jovem dominicano preso e torturado

A representação do sofrimento humano na literatura propicia o desvendamento de vozes excluídas e marginalizadas da população, como as dos presos políticos ou dos loucos, que se tornam invisíveis, sem direito a se manifestar, a mostrar os seus desejos, sentimentos e emoções.

Este artigo tem como objetivo analisar, na obra de Frei Betto, **Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Marighela**, o percurso do personagem Frei Tito, um jovem estudante, dominicano, que foi preso, torturado pela ditadura civil-militar, e banido do país, como um dos setenta presos trocados pelo embaixador suíço sequestrado pela resistência do comando da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), em 1970. Mesmo contrariado, partiu para o exílio em Santiago do Chile, Roma, Paris, Lyon. Sua trajetória culminou com a tragédia representada pela sua loucura e pelo seu suicídio.

Para Foucault (1972) a morte foi, até a metade do século XV, o tema que predominava na literatura erudita ao encenar com seriedade as guerras e as pestes. A partir de então há um predomínio da loucura ao incluir o vazio da existência interior que chama a morte.

Trazer o marginalizado de volta à cena é propiciar que a voz do excluído seja escutada, a realidade da ditadura civil militar não seja esquecida e a literatura possa contribuir para tensionar/contestar o que se encontra escondido nas páginas da história oficial.

O narrador Frei Beto utiliza da fantasia, que envolve tanto o passado, ao buscar as lembranças de quando os dominicanos foram presos e torturados, quanto o presente da escrita e uma situação de futuro que é a finalização da criação do texto que circunda a sua percepção da realidade, mas encontra-se repleta da sua imaginação. O jogo entre as categorias vida e morte encenado demonstra a capacidade do Estado opressor de realizar ações que envolviam a todos que resistiam ao discurso hegemônico que são ações, segundo Mbembe (2018) de necropolítica e necropoder, no qual o poder soberano divide as pessoas entre aquelas que devem morrer e as que podem viver no mundo contemporâneo e cria novas formas de existir na sociedade.

Para analisar Frei Tito como personagem é fundamental rever a sua construção como ser religioso e político e as suas identificações. Os dominicanos tinham como objetivo não apenas propagar o evangelho, mas também transformá-lo em instrumento de ação aliado ao estudo de Teologia, com o intuito de associar a fé cristã ao compromisso social. Tal engajamento fica expresso nas palavras do narrador: “A transformação do mundo é como o amor: não é feita de ideias, mas sim de atitudes” (FREI BETTO, 1983, pg. 96). Uma de suas funções era acolher e transportar as pessoas que se encontravam em risco de serem presas e torturadas. A formação dos religiosos teve como mística não só o poder da oração, mas a ênfase na ação, à defesa de uma causa, a relação entre cidadania e Igreja, entre direitos e deveres que formam o sujeito, reconhecendo a sua fragilidade e condição humana. A revolução pregada não se daria apenas nos níveis político e social, mas também previa uma revolução interior, uma tomada de consciência do povo que se libertaria do sofrimento da desigualdade social e da opressão.

O Estado prendeu os jovens dominicanos que almejavam a liberdade para que o povo não tomasse consciência da sua situação social e não houvesse resistência contra a verdade do poder do Estado. Retira-se de circulação a voz do defensor da população.

A obra aborda, portanto, o sujeito político, o homem da ação, da fé, da religião, ao estabelecer uma tensão entre opressores, isto é, o Estado e seus aliados, e os oprimidos, aqueles que resistiram ao instituído e suas fragilidades, como as encenadas pelo personagem Frei Tito.

O autor utiliza a terceira e a primeira pessoa na obra e entrelaça todos os tempos de sofrimento de Frei Tito. Seja ao ser preso e perder a sua liberdade; ou ao ser torturado e cindido mentalmente ao delirar com o seu principal torturador, Fleury, ou mesmo a sua errância, de cidade em cidade, até morrer na França. Ao encenar o sofrimento psíquico de Frei Tito, seus traumas e torturas, ele utiliza também da sua fantasia e imaginação para criar sua narrativa, pois segundo Seligman-Silva (2016) se a literatura de testemunho precisa relatar a experiência que vive, também encontra-se diante da impossibilidade da linguagem expressar atos que são inenarráveis e expressam uma falta, uma ausência. A dificuldade do testemunho na escrita é que, ao encenar o trauma, ele se encontra enlaçado ao sofrimento psíquico dos personagens e também há uma elaboração do seu próprio sofrimento.

O autor/narrador Frei Betto não foi torturado fisicamente, mas psicologicamente, como ao presenciar atos de tortura e transformar o seu sofrimento psíquico em literatura, trazendo reminiscências do passado para o presente e utilizou a escrita como processo de resistência literária. A participação do autor/narrador na resistência ao governo é argumentada, justificada e atrelada à sua religião:

Quero uma sociedade justa, onde a vida do ser humano socialmente mais insignificante esteja assegurada. O Deus no qual eu creio é o Senhor da vida. Não me interessa se essa sociedade tenha o nome de socialismo, de comunismo, de utopismo ou qualquer outro (FREI BETTO, 1983, p. 120).

A justiça social e o predomínio da categoria vida eram uma busca constante dos jovens que acreditavam que a religião estava associada aos direitos humanos para todos. O processo de escrita apresenta a tensão opressor/oprimido, a busca pelos direitos que são suprimidos pela ditadura militar.

O aspecto formal do texto de Frei Betto encena, de forma fragmentada, histórias dos jovens dominicanos tanto no espaço da cidade como no da prisão. Se na cidade havia a utopia de uma vida voltada para a solidariedade, o acolher do diferente na visão cristã, a alegria da propagação da fé, é na prisão que o sofrimento humano instituiu corpos dóceis, de acordo com Foucault (1999), que estavam submetidos às torturas físicas e psíquicas. Os valores da fé cristã e o envolvimento dos jovens dominicanos na resistência à ditadura se associam. A participação do autor/narrador na resistência ao governo é argumentada, justificada e atrelada à sua religião. Para analisar os processos de identificação do jovem Frei Tito é fundamental observar no texto os valores essenciais da fé cristã, que são os sacramentos e os seus símbolos.

Os valores da religião na escrita

A religião dos dominicanos e seus valores estão impregnados na narrativa a começar pelo nome do livro **Batismo de Sangue** que desvela a associação entre a Igreja e a ação política ao trazer a referência tanto ao sujeito político quanto ao religioso. O batismo dos cristãos significava mergulhar na água, deixar o passado e purificar-se. Batizar-se, pois, com sangue seria o sacrifício máximo realizado por uma pessoa fiel aos preceitos da fé, que entrega sua vida por ela e se torna mártir. Segundo Souza e Noronha (2016), o título do livro faz referência aos cristãos mortos pelo Império Romano, mas é encenado nas torturas infringidas ao Frei Tito como no relato:

Revestidos de paramentos litúrgicos, os policiais me fizeram abrir a boca “para receber a hóstia sagrada”. Introduziram um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito (FREI BETTO, 1983, p.232).

Receber a comunhão é um dos sacramentos da Igreja Católica que remete à morte de Cristo e ao sacrifício da cruz, sob a forma do pão e do vinho oferecidos aos cristãos que representam o corpo e o sangue de Cristo. No texto os torturadores ao se paramentarem de padres obrigaram Frei Tito a receber descarga elétrica pela boca, como uma hóstia. Dessa forma realizaram não apenas uma tortura no corpo, mas cindiram sua alma ao profanar um dos sacramentos da fé, ao blasfemar contra Cristo. O sofrimento físico e psíquico vivido leva à destruição do sujeito, idealista, que acreditava na utopia, na liberdade.

A cruz de Cristo foi outro símbolo religioso utilizado nas torturas e que se relaciona à fé cristã de Frei Tito, como descrito por ele na encenação narrativa:

Pouco depois levaram-me para o pau-de-arara. Dependurado, nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me “telefones” [tapas nos ouvidos] e berravam improperios (FREI BETTO, 1983, p. 229).

A análise literária de Souza e Noronha (2016) relaciona a imagem do pau de arara com a da Cruz que retrata o sofrimento de Cristo e é utilizada analogicamente pelo livro com o sofrimento dos dominicanos que se propuseram a resistir ao regime militar. Vale lembrar que Cristo foi considerado um agitador político, torturado na cruz e resistiu para salvar a todos os cristãos, assim como os dominicanos, torturados no pau de arara, resistiram para salvar o seu povo oprimido.

A cruz torna-se um elemento permanente do espaço ocupado pelo corpo de Tito, pois morto foi nela que se escreveu seu epitáfio, numa terra estrangeira:

Frei da Província do Brasil. Encarcerado, torturado, banido, atormentado... até a morte, por ter proclamado o Evangelho, lutando pela libertação de seus irmãos. Tito descansa nesta terra estrangeira. “Digo-vos que, se os discípulos se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lucas 19, 40). (FREI BETTO, 1983, p. 253).

Observe-se que no trecho citado, há uma mistura entre a pessoa do Frei Tito e a de Cristo. Além disso, há, com a inserção da voz do Cristo, uma conclamação à reação de outros discípulos da Igreja. O epitáfio sintetiza o percurso de um jovem idealista, que professava a fé cristã, e como Cristo foi torturado e segregado: ao ser preso, transferido da prisão para o hospital militar, quando tentou suicídio pela primeira vez e ao ser banido do seu país e excluído de forma violenta, sem a solidariedade que se deveria ter por um Frei, um jovem que lutava por acreditar na fé cristã. Foi rejeitado também por seus pares quando não foi aceito em Roma para residir em espaços da Igreja e ser denominado de terrorista. Procurou abrigo na França onde foi acolhido pela Igreja. Quando a loucura se instala ele é excluído do trabalho ao ser demitido de vários empregos por não responder ao desejado pelo capitalismo.

O medo do desconhecido, da solidão, de estar permanentemente sem a figura materna o paralisa diante da falta dos significantes: terra, pátria, mãe, cidade, irmã, babá. O personagem, que nasceu no Ceará, muito jovem se tornou um estrangeiro e ficou errante por várias cidades como Belo Horizonte, São Paulo; banido do Brasil para Santiago, não foi aceito em Roma e por fim viveu e suicidou-se em Paris. Permaneceu como um membro da Nau dos Loucos, na Idade Média, que se deslocava pelos rios sem encontrar um porto que lhe resgatasse do seu sofrimento mental. Para Foucault (1972) a água e o navegar têm a função de aprisionar o louco.

Ao associar a água com a fé cristã remete-se a um dos símbolos da doutrina que é o batismo, um dos sacramentos da Igreja e, aqui aludido desde o título. Apesar de o caminho ser infinito, Frei Tito habitará entre duas localidades que não lhe pertencem. Torna-se um eterno estrangeiro o que mostra o seu dilema ao ser banido do seu país ou mesmo ao se tornar prisioneiro, pois aí também foi segregado e excluído do seu projeto de vida, da sua utopia de salvar o seu povo, seja pela fé ou pela consciência política:

— Eu não aguento mais, preciso voltar. Morro de saudades, me sinto só. Quero minhas raízes, quero meu povo, é por ele que eu lutei. (FREI BETTO, 1983, p. 249).

A solidão é uma constante na vida de Frei Tito enquanto permanece em terra estrangeira durante o processo mais intenso do seu sofrimento psíquico. Estava angustiado por não ter realizado o seu projeto de conscientizar o povo. O estado de não pertencimento, de não morar na França pelo seu desejo, o faz permanecer na posição de objeto, de se sentir constantemente em falta.

Enfim, a figura do Pai foi encenada pelos sacramentos que representam a fé em Cristo e a sua morte. No que se refere à família, entretanto, há um não dito sobre a figura paterna do dominicano com um deslocamento do amor paterno para o amor pelo povo.

Outro sacramento utilizado pelos torturadores e pela Igreja é a confissão. Para a Igreja é um sacramento que envolve o perdão dos pecados. Tem como instrumento um padre, que escuta em nome de Cristo e oferece o perdão divino. Exige o silêncio do sacerdote. A confissão seria uma forma do pecador se tornar sujeito da sua existência, ao declarar de forma espontânea os seus pecados, a sua fragilidade.

Ele é um dos rituais existentes, desde a Idade Média, para produzir a verdade. Obteve papel relevante no que se refere aos poderes religiosos e civis, como as técnicas de confissão religiosa e a metodologia desenvolvida para realizar os inquéritos e interrogatórios. A confissão demonstra seus efeitos na medicina, na justiça, no cotidiano da vida de cada sujeito, nas declarações de seus sentimentos e emoções. Entretanto, tem momentos em que a confissão não é a escolha do sujeito e sim imposta, sob a forma de tortura (FOUCAULT, 1988):

“Vai ter que falar senão só sai morto daqui!”, gritou. Logo vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na cadeira-do-dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao pau-de-arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas que cada vez mais se curvavam para aliviar a dor (FREI BETTO, 1983, p.231).

Enquanto a confissão para a Igreja seria uma forma de o pecador se tornar sujeito da sua existência, ao declarar de forma espontânea os seus pecados, a sua fragilidade, o sistema ditatorial obriga a vítima à confissão pela tortura e a coloca como um objeto a ser supliciado e descartado. A confissão nas cenas dos interrogatórios passa a ser uma imposição do torturador que exige que a vítima confesse o que ele precisa ouvir ou o seu desejo de perversidade. Não importa a brutalidade dos atos ou até a morte da vítima e sim a resposta, a delação obtida, a palavra imposta pelo sistema. A confissão também tinha como função amedrontar, silenciar a verdade que a vítima pretendia fazer circular, o que foi realizado com Frei Tito.

A palavra de Frei Tito precisava ser interdita pelo poder vigente. Para tanto as torturas, dentro do hospital militar, saíram do corpo para a mente. Com o corpo já despedaçado, a sua verdade precisava de interdição: partiram para a tortura.

Mas como o jovem se deslocou da sua utopia de liberdade, justiça a todos para a distopia vivenciada?

O corpo despedaçado: entre a vida e a morte

Frei Tito participou dos movimentos estudantis, como o Congresso da UNE (1968), em Ibiúna, São Paulo, e conseguiu o sítio onde seria realizada a reunião, denunciada e paralisada pela polícia. Ao ser preso novamente, quando todos os dominicanos envolvidos na resistência também o foram, a sua ligação com o dono do sítio foi descoberta. Foi torturado e tentou o suicídio. Como consequência ocorreram as torturas psicológicas, no hospital militar, para onde foi encaminhado:

A situação agora vai piorar para você que é um padre suicida e terrorista”, diziam eles. “A Igreja vai expulsá-lo.” Não deixavam que eu repousasse. Falavam o tempo todo, jogavam, contavam-me estranhas histórias. Percebi logo que, a fim de fugirem à responsabilidade de meu ato e o justificarem, queriam que eu enlouquecesse (FREI BETTO, 1983, p. 236).

O narrador encena os discursos dos torturadores que remetem ao desejo de enlouquecer a vítima, seu objeto, que percebe o jogo realizado. Outra cena semelhante acontece com o delegado Albernaz que profetiza o futuro de Frei Tito:

“..... Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia.” (FREI BETTO, 1983, p. 233).

O torturador é implacável na sua ação e no discurso. Frei Tito se angustia com a possibilidade de outros religiosos sofrerem como ele e toma a decisão de realizar o auto-extermínio. Ele viveu intensamente o jogo entre a vida e a morte. Enfrentava as relações de poder, de violência, ao restabelecer-se das torturas e criar vínculos sociais, o que possibilitava a continuidade da vida. Esse jogo de vida e morte, afetos e violência é representado pelo narrador. Sua pulsão de vida é encenada quando faz a denúncia da situação dos presos durante a ditadura militar e a tortura sofrida por muitos, as mortes na prisão, as sequelas físicas e exige a participação da Igreja:

A esperança desses presos coloca-se na Igreja, única instituição brasileira fora do controle estatal-militar. Sua missão é defender e promover a dignidade humana. Onde houver um homem sofrendo, é o Mestre que sofre. É hora de nossos bispos dizerem um BASTA às torturas e injustiças promovidas pelo regime, antes que seja tarde. A Igreja não pode omitir-se. As provas das torturas trazemos no corpo.” (FREI BETTO, 1983, p. 238).

Novamente há uma analogia com o sofrimento de Cristo, quando menciona a tortura marcada não só no corpo, mas também pelos traumas psíquicos, além de uma marca social que transcende o sofrimento humano do indivíduo. Demonstra, assim, a insensibilidade do opressor ao não perceber a condição humana daquele que perde seus direitos, sua liberdade, sua singularidade. A história se repete como a de Cristo, que também foi torturado por agentes do Estado e sem ter quem o defendesse. Frei Tito solicita à Igreja que não seja omissa, que não aja como Pôncio Pilatos fez com Cristo.

Entretanto, no jogo entre a vida e a morte, no conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, o processo da loucura se instala e a morte do personagem acontece aos poucos até chegar à morte física. A primeira tentativa de autoextermínio ocorre dentro da prisão quando Tito corta os pulsos. Desmaia. É encaminhado para o hospital militar e sobrevive. A segunda é fatal. Suicida-se com uma corda pendurada em uma árvore na França.

Após ser torturado e banido de sua pátria, em Paris as imagens da tortura transformam-se em imagem do despedaçamento do sujeito torturado, cindido, ambivalente, um ser de falta, que se culpa pela não realização de seus ideais, pelo isolamento, sofrimento e desesperança. O sujeito encontra-se numa tensão entre a pressão dos sonhos do passado, isto é, o religioso onipotente e a realidade de ser um estrangeiro dominado pela loucura humana, o que se evidencia pela mudança de narrador da primeira para a terceira pessoa, em um jogo de vozes que se alternam:

Em meados de setembro, um acontecimento político muito distante repercute na cabeça, na alma, nos sentimentos e no inconsciente de Frei Tito, fragmentando suas frágeis esperanças,

mutilando suas idéias, apagando seus horizontes: a queda de Salvador Allende, no Chile. Enquanto o general Pinochet entra para a galeria dos ditadores latino-americanos, Tito abandona suas atividades normais e torna-se ausente, impenetrável, sufocado por seus fantasmas interiores (FREI BETTO, 1983, p. 245).

O acontecimento da queda de um governo democrático, que deu asilo para Frei Tito e a instalação da ditadura de Pinochet remete o jovem para seus fantasmas e o sufoca com as lembranças que não apagam. Tito se afasta do mundo externo com suas torturas, sofrimento intenso para se perder na loucura. Ele cala a sua voz, a sua verdade e se perde nas vozes do torturador.

Vozes interditas

Várias vozes dos prisioneiros políticos se manifestaram após a prisão, como Frei Betto, ao relatar as atrocidades vividas dentro da prisão. Frei Tito se manifestou de dentro da prisão e permitiu que seu discurso circulasse quando escreveu sobre as condições subumanas das prisões brasileiras durante a ditadura, em forma de manifesto, que foi editado na Alemanha e deu voz aos presos políticos que estavam segregados da sociedade:

Num momento como esse o silêncio é omissão. Se falar é um risco, é muito mais um testemunho. A Igreja existe como sinal e sacramento da justiça de Deus no mundo. (FREI BETTO, 1983, p. 239).

Para Foucault (1996) o discurso interdito revela que há uma ligação entre o poder e o desejo. Na narrativa há um desejo na voz de Frei Tito de tomar o poder. A sua voz foi eternizada pelos escritos de sofrimento psíquico que culminaram com a sua loucura.

É pela voz do narrador em terceira pessoa, Frei Betto, que as vozes reais e imaginárias de outras pessoas se representam no texto. A voz do torturador é encenada na obra e demonstra a força do poder estatal, do pai, na encenação da loucura do sujeito. A voz de comando que está contra seus valores e doutrinas é a voz do torturador que cinde o sujeito entre razão e loucura, o eu partido. O imaginário e o real se associam na encenação da loucura, permitindo que o jogo entre o bem e o mal seja representado, como na ambivalência do torturador que projeta a banalidade do mal no indivíduo que executa a tortura, que operacionaliza a interdição das vozes resistentes:

Nosso assunto agora é especial”, disse o capitão Albernaz ligando os fios em meus membros. “Quando venho para a Oban, deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede... Guerra é guerra, ou se mata ou se morre. Você deve conhecer fulano e sicrano (citou os nomes de dois presos políticos que foram torturados por ele). Darei a você o mesmo tratamento que dei a eles: choques o dia todo. Todo não que você disser, maior a descarga elétrica que vai receber. (FREI BETTO, 1983, p. 232).

O torturador fala do órgão biológico coração que representa um sentimento, o amor, a solidariedade, a força da vida que pulsa. É o discurso também da categoria da morte, os

significantes que expressam o mal: pavor, matar, guerra, choque. O torturador se divide, traz a imagem entre um sujeito do bem e outro do mal.

A imagem é uma forma de estar presente na ausência e encontra-se enraizada no corpo. Ela pode voltar, após ser retida, em sonhos ou memórias, com o presente refazendo o passado. A imagem pode fascinar sob uma forma temida ou amada (Bosi, 1977).

A imagem de Frei Tito se despedaça no espelho, quando ele se vê como o próprio demônio, perverso, em oposição ao bem propagado pela Igreja, enfim a dualidade do bem e do mal existente em cada sujeito se apresenta com sofrimento psíquico. Ele sentia a dor coletiva de todos os presos, que como ele, foram torturados, cindidos, sofredores da falta do amor, da solidariedade humana:

O silêncio de sua quietude mística, povoada pela presença inefável do Pai, rompe-se por efeito de um pavoroso delírio: ele ouve continuamente a voz rouca e autoritária do delegado Fleury, hóspede intruso do cérebro, do medo e dos porões da consciência de Frei Tito. (FREI BETTO, 1983, p. 245).

O personagem Frei Tito apresenta, pois, uma angústia diante da imagem dos opressores. Na França, começa a apresentar sinais do trauma da tortura, com imagens do delegado Fleury, em um processo de espelhamento, que é encenada pelo narrador em terceira pessoa:

O espelho mágico distorcia a sua face límpida, terna, suave, exibindo-lhe os afiados dentes da expressão satânica de seus verdugos. A espada do poder seccionara a personalidade de Frei Tito. Havia uma lâmina de fogo atravessada em seu ego e extensa cerca de arame farpado, toda eletrificada, estendia-se por dentro dele, impedindo-o de encontrar-se do outro lado. Ele era outro. Ele era muitos, na complexa dessemelhança do desamor, da solidão, da perda irreparável de si mesmo. Carregava no coração o próprio inferno, no qual descera antes de morrer (FREI BETTO, 1983, p. 256).

Frei Tito se fragmenta, enlouquece e as vozes do mal predominam no seu aparelho psíquico. A realidade externa fica cada vez mais distante:

— “Você é indigno de entrar no convento dos dominicanos, de se sentar com eles à mesa, de comer com eles. Eu te proíbo de entrar!” (FREI BETTO, 1980, p. 247).

As vozes do torturador ameaçam não só a sua família como também a Igreja. O delegado Fleury se instala no seu imaginário, mesmo distante. Ao transpor o Atlântico e ir para outro continente Frei Tito foi incapaz de esquecer suas lembranças, as imagens das torturas infringidas por Fleury. Elas se transformaram em ameaças aos seus entes queridos, e o pavor, o medo de ser novamente torturado, agora como um observador do sofrimento alheio, o apavorava:

—, Frei Tito estremece aos gritos do pai espancado no DOPS, geme aos berros da mãe dependurada no pau-de-arara, arrepiando-se de pavor aos espasmos de seus irmãos eletrocutados, contorce-se em calafrios ao ver as irmãs despedidas pelos homens do Esquadrão (FREI BETTO, 1980, p. 246).

Frei Tito se desloca do corpo dócil na prisão ao corpo dócil eternizado pela loucura e sob a voz de comando do seu torturador que lhe ordena ações contrárias ao seu desejo e valores. A voz do torturador cindiu seu aparelho psíquico em dois sujeitos: um que defendia os valores de lealdade, amor ao próximo, os sacramentos da Igreja. Outro que o ordenava a fazer atos que prejudicavam sua família, a Igreja. Sua mente se dividiu entre o bem e o mal. Frei Tito não obedeceu à voz de comando do torturador na prisão, pois apesar da tortura permaneceu em silêncio, mas ao sair do cárcere estava dócil, subjulgado ao outro, partido mentalmente e atado, preso pela voz do outro. Seu torturador fez com ele um laço eterno. Ele era ao mesmo tempo o torturador e o torturado que sofria com o poder das vozes internas. Seu corpo que foi despedaçado tinha a marca do trauma da tortura. As vozes de comando do torturador não cessavam.

A narrativa mostra, portanto, como cada ser é singular no enfrentamento de seu sofrimento após o trauma. No caso do personagem Frei Tito, que passou pelo trauma da tortura, a imagem que permaneceu foi a dos torturadores, principalmente do delegado Fleury e que por não abandoná-lo, em intenso sofrimento psíquico, se suicida.

Frei Betto, que testemunhou o sofrimento psíquico de Frei Tito e de muitos presos políticos que foram torturados e mortos pela ditadura civil militar brasileira transformou suas lembranças em escrita, traduzindo o terror indizível dos traumas, do sofrimento coletivo nas prisões, em palavras que testemunham que o passado não deveria ser esquecido, precisa ser lembrado e repetido infinitamente para as novas gerações.

Referências

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977. Disponível em: <http://files.letraslusitanas.webnode.com/200000136-f0e1cf1d96/BOSI,%20A.%20-%20O%20ser%20e%20o%20tempo%20da%20poesia.pdf>.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura: Na Idade Clássica**. 4. ed. Tradução de José Teixeira de Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso - Aula Inaugural no College d'e France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867820/mod_resource/content/1/FOUCAULT%2C%20Michel%20-%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 27. ed. Tradução Raquel Ramalhe. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/76587019/foucault-m-vigiar-e-punir-pdf-1>.

FREI BETTO. **Batismo de Sangue**: os dominicanos e a morte de Carlos Marighela. Rio de Janeiro: Civilização, 1982.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas (SP): Unicamp, 2016.

SOUZA, Tásia Oliveira; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. A coroa de Cristo X O beijo de Judas: Batismo de sangue e a denúncia da violência. **Teresa - revista de literatura brasileira**, n.17, p.87-102, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/108161>.